

Lênin, Bogdanov e o duelo de xadrez que define os rumos do pensamento político russo⁸⁹

*Alan Garrido Fernandes⁹⁰
Mara Darcanchy⁹¹*

Resumo

Este artigo visa compreender os debates epistemológicos, políticos que permearam os militantes envolvidos em torno da Revolução Russa. À luz dos eventos que colocaram a fração bolchevique em torno de Lênin no curso de uma das revoluções mais interessantes da modernidade, o trabalho aqui exposto apresenta a visão de Alexander Bogdánov de que parte considerável dos marxistas contentou-se em reproduzir doutrinas fechadas enquanto a realidade ainda estava por se fazer – se construir. Dessa forma, uma tarde em Capri, em que Lênin e Bogdánov jogavam xadrez, mostra um panorama das discordâncias filosóficas e políticas que assolavam os marxistas revolucionários no início do século XX e que terminou por dar maior visibilidade a quem assumiu o poder.

Palavras-chave: Práxis; Epistemologia; Marxismo; Autonomia; Consciência de Classe

Abstract

This paper aims to understand the epistemological, political debates that permeated the militants involved around the Russian Revolution. in the course of one of the most interesting revolutions of modernity, the work presented here presents Alexander Bogdánov's view that a considerable part of Marxists were content to reproduce closed doctrines while reality was still to be made - to be built. In this way, An Afternoon in Capri, in which Lenin and Bogdánov played chess, shows a panorama of the philosophical and political disagreements that occurred between the revolutionary Marxists at the beginning of the twentieth century and that ended up giving greater recognition to those who took power.

Keywords: Praxis; Epistemology; Marxism; Autonomy; Class Consciousness

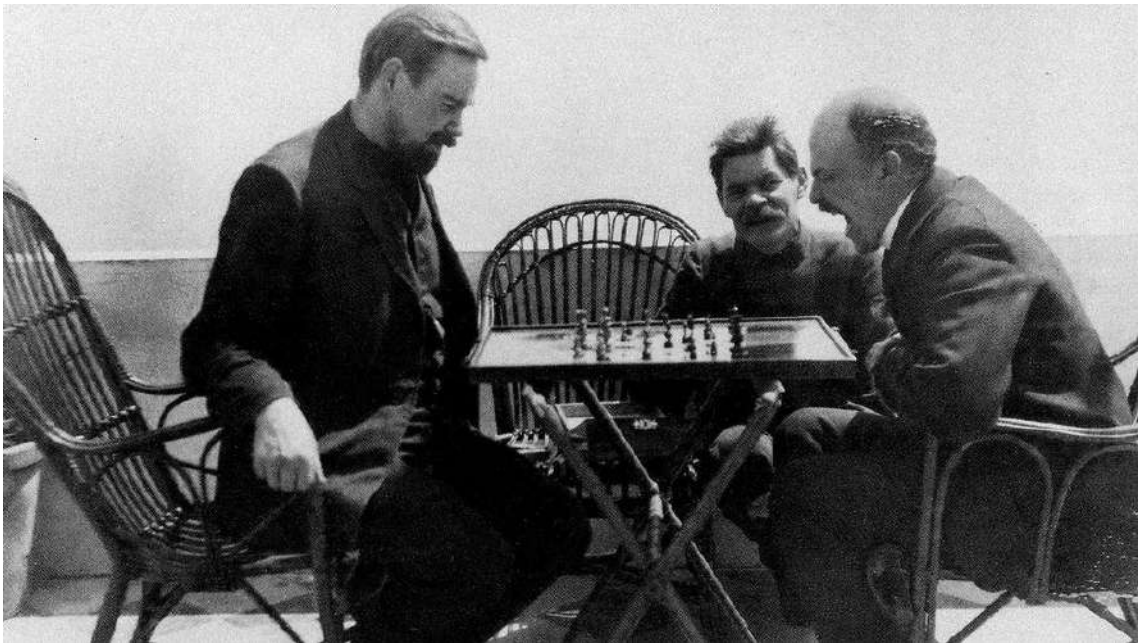
⁸⁹ Este artigo foi originalmente escrito como resumo para apresentação na VIII Semana de Graduação dos estudantes de Filosofia da UERJ. O nome original era “Lênin, Bogdanov e o duelo de xadrez que definiria os rumos do marxismo”. Desde então, o resumo, transformado em artigo, passou por várias reelaborações visando estender o material bibliográfico e conferir ao trabalho as ideias que venho desenvolvendo por meio de artigos.

⁹⁰ Graduando em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ, jornalista independente com artigos publicados sobre movimentos sociais, teoria política e filosofia da práxis. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0143150785752848>.

⁹¹ Supervisora, Pós-Doutora PhD em Diritto Internazionale (Itália). Doutora em Direito das Relações Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Especialista em Didática do Ensino Superior; Especialista em Metodologia da Pesquisa Científica.

Em uma tarde em Capri, que data de 1908, dois militantes e teóricos socialistas jogam xadrez e, eventualmente, conversam amistosamente sobre a situação política dos comunistas na Rússia czarista e como intervir politicamente. Numa fotografia que registra o momento, Vladimir Ilyich Lênin está à direita, bocejando, e Alexander Bogdánov (pseudônimo de Malinovksy) à esquerda, vidrado na partida. Entre eles estava Gorki, e a residência em que ocorreu o encontro era sua e futuramente viria a se tornar uma escola cultural, com o objetivo de criar uma sociedade de novo tipo.

Imagem 1 – Lênin e Bogdanov disputam uma partida de xadrez na residência de Gorki, em Capri.



Fonte: Cassauwers (2018)

Aquele ano marcava uma mudança de paradigma dos bolcheviques diante das tarefas dos comunistas na Rússia que teria início com o rompimento político e de amizade entre os dois teóricos sentados na mesa de xadrez. É conhecido e bem propagandeado o legado de Lênin sobre o marxismo, não sendo objetivo deste artigo reproduzir o que já é dito a seu respeito, também não é frutífero resumir a biografia, a contribuição teórica e a militância política de Bogdánov porque qualquer tentativa de fazê-lo em tão poucas linhas não honraria seu legado. Resta a disposição de analisar, à luz daquela batalha de xadrez, a igualmente perspicaz batalha teórica que se envolvem os dois bolcheviques. Por isso farei um recorte específico que vai de encontro à concepção de ambos acerca da filosofia, a práxis, a ciência e a filosofia política.

Antes da primeira tentativa dos Social-Democratas de intervir na revolução na Rússia (1905), Lênin escrevia “*Um passo em frente, dois passos atrás*”. Bogdánov, já um comunista, viu com muito otimismo aquelas resoluções propostas para a social-democracia e por isso, juntos, participarão do racha no Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR) que divide o movimento em duas frações, os “bolcheviques” e os “mencheviques”. Plekhanov e Martov, principais ícones do menchevismo e da tradição ortodoxa do marxismo, na visão de Bogdánov e de Lênin careciam de uma interpretação de caráter ativa dos trabalhadores no curso de suas lutas sociais e valorizavam demais o advento das forças produtivas sob o capitalismo, por isso interpretavam que restava a tarefa de conquistar por meios democráticos o aparelho de estado e subestimavam a organização dos trabalhadores para intervir nas relações de produção. Acontece que Bogdánov e Lênin terão posições acerca da consciência de classe que serão incompatíveis, e o conflito entre suas respectivas orientações políticas se tornará inevitável assim que a exigência da aliança tática perante a tentativa de revolução for abafada.

Lênin já havia escrito “*O Que Fazer*” em 1902 e Bogdanov dava pistas de sua motivação política através de seus inúmeros tratados sobre filosofia e a respeito de temas científicos. Para o segundo, algo crucial era tornar o socialismo uma demanda a partir das experiências concretas dos trabalhadores, sob sua autoformação, por isso Bogdánov dedicará parte significativa de sua vida sugerindo uma cultura proletária advindo dos próprios trabalhadores e sua práxis. O Lênin de “*Que fazer?*”, no entanto, tentou resolver o problema do determinismo no pensamento de Marx em uma teoria das vanguardas com a orientação política “correta”. Em sua concepção, as lutas dos trabalhadores e sua consciência política não poderia ultrapassar o caráter “tradeunionista” de suas lutas(2015). Já a sociedade socialista, para Bogdánov, seria fruto da tomada de consciência por parte dos trabalhadores a respeito de sua condição de classe.

Rejeitando a tese de uma categoria de “filósofos” e outra de “revolucionários”, Malinovsky postula que:

A essência de todas estas contradições consiste na falta de correspondência entre o conteúdo da experiência popular e as formas cognitivas historicamente elaboradas de sua experiência., entre os dados que as pessoas encontram em sua experiência e as concepções gerais, ideias, dogmas que estes estão acostumados a usar para relacionar e unificar estas experiências. (BOGDANOV. 2022. P. 208. Tradução nossa.)

Como é de se notar, o teórico não superestima a experiência real mas limitada do trabalhador sob o modo de produção, mas admite que a “consciência vinda de fora”, termo empregue por Lukács (2003) para designar a teoria da consciência de classe em Lênin, busca desqualificar o caráter ativo deste no florescer de suas concepções.

O “materialismo” em debate

A questão da consciência “espontânea” ou “de fora” esbarra com a leitura que ambos têm de algo inovador que aparece nos estudos de Marx. O autor da Crítica da Economia Política encontra no materialismo de Feuerbach um traço que o torna inócuo. Diante da visão hegeliana que colocava o trabalho e a sociedade civil no centro do debate, postulou que o materialismo de Feuerbach interpretava as coisas e a solidez do mundo externo. A análise afundou, porém, em reconhecer as relações sociais como atividade concreta e a práxis como definidora da realidade externa e social.

Marx inicia suas onze teses sobre Feuerbach conclamando que:

A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias - o de Feuerbach incluído - é que as coisas [der Gegenstand], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do objecto [des Objekts] ou da contemplação [Anschauung]; mas não como atividade sensível humana, práxis, não subjectivamente. Por isso aconteceu que o lado activo foi desenvolvido, em oposição ao materialismo, pelo idealismo - mas apenas abstractamente, pois que o idealismo naturalmente não conhece a actividade sensível, real, como tal. Feuerbach quer objectos [Objekte] sensíveis realmente distintos dos objectos do pensamento; mas não toma a própria actividade humana como actividade objectiva [gegenständliche Tätigkeit]. Ele considera, por isso, na Essência do Cristianismo, apenas a atitude teórica como a genuinamente humana, ao passo que a práxis é tomada e fixada apenas na sua forma de manifestação sórdida e judaica. Não compreende, por isso, o significado da actividade "revolucionária", de crítica prática. (MARX, 1982. S.p.)

Dito isso, o que faz a filosofia política do marxismo é situar a práxis como elemento constitutivo da realidade externa. No horizonte econômico, são as relações sociais de produção definidos pelo Capital, e não unicamente as condições intelectuais das classes dominantes que definem a realidade econômica. Porque a “matéria” não se resume e limita aos objetos sensoriais. Por isso a obra mais popularizada e criticada de Marx e Engels, O Capital, define as relações sociais de produção como elemento definidor das forças produtivas (2013).

Por outro lado, Plekhanov, responsável por cunhar o termo “materialismo-dialético” e por introduzir o marxismo na Rússia opõe às aspirações espirituais a matéria. Que tipo de matéria é esta? A oitocentista, segundo Bogdánov. Dirá que certos marxistas, especialmente os mais ortodoxos e tendo sob sua liderança Plekhanov, tratavam a matéria como uma categoria a priori, apartada da experiência, e que lidavam com a aceitação de ideias absolutas.

Bogdánov compreendeu que a contradição estava no próprio Marx: “apesar de Marx chamar sua doutrina de ‘materialista’, sua ideia central não era ‘matéria’ propriamente, mas prática, atividade, trabalho vivo.” (BOGDANOV, 2016. P.179 *Tradução nossa*). Anos depois, sua crítica à ortodoxia de Plekhanov se estenderá à Lênin, a quem também atribuiu uma

interpretação dogmática de Marx. Lênin foi simpático à Bogdánov até a percepção de que este tomava um espaço de destaque na direção do movimento socialista, mas manteve suas críticas de lado para não influenciar negativamente nos eventos da revolução de 1905. Ao primeiro sinal de discordância com seu antigo amigo, encontrou uma brecha nas publicações filosóficas de Bogdanov para escrever um extenso ensaio crítico denominado *materialismo e empiriocriticismo: notas sobre uma filosofia reacionária*. Nele, criticava os 3 volumes da obra *Empiriomonism* de Bogdanov e toda a sua tentativa de pensar nas exigências da sociedade segundo as descobertas científicas. Acusa-o de fazer filosofia “reacionária”, “solipsista”, entre outras acusações. Os estudos que resultaram no *Empiriomonism* e no *Philosophy of Living Experience* de Bogdánov correspondiam à sua leitura marxista e a busca por sintetizar a nível de teoria do conhecimento aquilo que chamamos matéria às revoluções científicas de sua atualidade. Nisto, os empiriocriticistas, mais especificamente Ernst Mach e Richard Avenarius, puderam contribuir de forma vasta com a abordagem científica de Bogdánov. Além de intelectual e influenciar o campo das artes na Rússia soviética vindoura, Malinovsky estudou física, biologia, e por isso a problematização do termo “matéria” lhe era tão caro. Bogdánov estudou a teoria dos complexos de sensações e partilhou junto dos empiriocriticistas a rejeição à metafísica.

Carlo Rovelli, um comunicador das áreas da mecânica quântica e da teoria da relatividade, publicará o livro *O abismo vertiginoso: um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica* e nele destacará de forma detalhada como o pensamento de Mach, especificamente, norteou Albert Einstein e introduziu premissas da crítica à metafísica àqueles que descobririam o salto quântico – nomeadamente Heisenberg e Niels Bohr.

O que fez corajosamente Bogdánov foi ressaltar os acertos da teoria marxista sem deixar que o conceito de matéria se engessasse na teoria do conhecimento. A proeza de Lênin à frente da liderança dos bolcheviques ajuda a explicar porque já ouvimos falar de sua obra “materialismo e empiriocriticismo”, mas não somos apresentados à réplica de Bogdánov, que sequer foi traduzida para o português. É como se o debate entre os dois fosse feito em um auditório e na vez de Bogdánov, o microfone houvesse sido desligado. Aquilo que convencionamos chamar de Revolução Russa foi então definida aos gritos de quem não só teve os meios, mas fez de tudo para tirar os de seu adversário, como ocorreu com tantos outros que romperiam com o marxismo leninista.

A crítica de Lênin

O livro *materialismo e empiriocriticismo* é publicado um ano após o já mencionado duelo de xadrez entre os dois bolcheviques. Seu ataque aos “machistas” é relativamente bem conhecido entre a esquerda marxista, mas não a réplica do dissidente bolchevique. Como já dito, a discordância filosófica de Lênin terá como pano de fundo combater a influência de Bogdánov no movimento comunista. Aproveitando-se da queixa de que a matéria retratada por Marx resultava no engessamento da epistemologia dos socialistas da posterioridade, Lênin acusa seu rival de poluir o marxismo com idealismo e solipsismo (1975).

Logo em seu início, o político trata as similaridades semânticas como se não fossem distinções conceituais, por isso, faz uma vaga comparação entre a teoria dos complexos e o idealismo de Berkeley. Além de dizer que Mach pensa numa ‘coisa em si’, que seria incompatível com sua rejeição à metafísica. Sua linha de raciocínio conclui que o empiriocriticismo se apegou demais a questões escolásticas e que no plano prático tudo o que poderia fazer é suceder o idealismo. A respeito do complexo de sensações, que diz ser uma reciclagem do solipsismo, Lênin advoga que o materialismo histórico propõe o contrário, que as sensações limitam-se a ser símbolos das coisas.

Bogdánov foi demasiado generoso ao dizer que Lênin, Plekhanov e os ortodoxos se enfurnaram na matéria oitocentista. A noção de que as sensações são “símbolos das coisas” remonta à crítica de Parmênides à Heráclito, que deduziu que o movimento das coisas não altera sua substancialidade, somente define a sua superfície. O tom é o mesmo dado pelo filósofo pré-socrático e o materialista Lênin. Isto posto, ainda que implicitamente, Lênin admite a existência de substâncias absolutas, o que não tem nada a ver com a aceitação ou rejeição da realidade externa.

Konder (1985) faz um percurso na filosofia antiga para explicar como a dialética foi instrumento que fez avançar não somente a filosofia, mas também a ciência. Percebeu que enquanto Heráclito negava a estabilidade do ser, Parmênides procurou justificar isto através da análise das “superfícies”. Esse debate, ainda em filosofia da natureza, repercutirá na tese de doutorado de Marx cujo tema é a matéria em Demócrito e Epicuro.

Mas naquela época, ainda jovem, não pode ainda conferir o papel da práxis ao exame da realidade externa porque não era precisamente o trabalho o elemento ao ser analisado, mas a mera realidade sensível. De lá para cá a física não engessou, no máximo, seus intérpretes podem virar as costas para as constatações científicas.

Diferente do que dizia Lênin, Mach (1959) postulou que o “eu” e o que chama de “corpos” são constitutivos dessas sensações, não que as sensações são símbolos dos corpos. Ao conferir validade à experiência, Rovelli fez um percurso parecido ao definir que é o emaranhamento que lida com a verdade das coisas diante das sensações. O suposto sujeito-transcendental é também ele um corpo. Mach não admite as premissas da metafísica porque não acha prudente definir a verdade sobre um objeto a nível singular. O que ele diz serem as coisas é a capacidade de formarem compostos organizados no nosso intelecto, onde tudo o que o nosso raciocínio faz é aceitar convenções a partir destes. Cai por terra imediatamente a noção de que o complexo de sensações se aprisiona no solipsismo porque o objeto não está, no complexo de sensações, suscetível ao sujeito transcendental, mas os próprios objetos são corpos suscetíveis à relação com outros corpos, por isso a ideia de juízos singulares sequer faz sentido. Para o empiriocriticista, o fato primário não é o “eu”, mas as sensações. Contra a intuição de ser chamado de idealista, Mach faz o inverso ao dizer que o “eu” deve ser deixado de lado (1959).

Lênin mira certamente em Bogdánov, um adversário político, e não exatamente em Mach, que não estava preocupado com aquelas acusações dogmáticas. O que fez Bogdánov foi extrair daquilo que estava pavimentado na teoria do conhecimento sua teoria empiriomonista, retirá-la do dogmatismo da metafísica, da postura passiva do empirismo e tomar distância daquilo que se chamaria de materialismo-dialético, e frequentemente blindava-se da crítica. Bogdánov não reproduziu por completo as teses de Mach e de Avenarius, mas também não se restringiu aquilo que o marxismo propagava. Por isso pensou o empiriomonismo, como uma reformulação tanto do empiriocriticismo como do materialismo-dialético. O esforço de Lênin, no entanto, foi tentar demonstrar como o pensamento de Bogdanov era uma cópia exata de seus interlocutores e como não servia aos interesses dos trabalhadores.

O materialismo de Lênin, segundo Bogdanov e Rovelli

É certo que Malinovsky não lidou com estas críticas calado. As críticas ao dogmatismo de Lênin serão melhor desenvolvidas em um livro intitulado *The great fetishism*, ainda sem data para tradução para o português ou o inglês. Mas como o livro de Lênin data de 1909 e o *Philosophy of Living Experience* é de 1923, já vimos algumas considerações filosóficas de Bogdanov em sua defesa. Ele ressalta que a tarefa do pensamento político, social e científico é

não ignorar as descobertas mais recentes e lidar com elas, mesmo que de maneira crítica como faz em seu Empiriomonism. Ao pensar em seus detratores, afirma que:

Outra posição muito distintiva é levada a cabo por escritores russos que professam serem resolutos defensores do “materialismo-dialético” e mesmo guardiões de sua tradição – Plekhanov, ortodoxos, Lênin e certamente outros - mas que se associam radicalmente à doutrina de Marx e regressam ao materialismo do século XVIII em dois pontos essenciais. Por um lado, entendem a matéria como uma coisa em si, e, por outro, mantêm a concepção de verdade absoluta. (2016. P. 194)

No entanto, Bogdánov admite que a análise do empiriocriticismo pode ser “imprecisa e incompleta” (2016. P. 139). Daí para a crítica de Lênin, com comparações genéricas e estritamente semânticas, existe um grande vácuo. Bogdánov prefere o termo experiência às sensações, ainda que tenha compreendido o sentido usado por Mach. Mas experiência, para Bogdánov, designa o caráter ativo da experiência, não a observação passiva.

Observa que se nas sensações as coisas fluem e se alteram, então a realidade não é estática, mas dinâmica (2016). Para incorporar a crítica que lhe é feita à sua noção de experiência, Bogdánov pontua que:

A própria ideia de 'experiência pura' - para a qual um ser humano [particularmente] nada contribui - é também uma abstração fetichista. A essência da experiência consiste no trabalho; a experiência surge no ponto em que o esforço humano supera a resistência elementar da natureza. A experiência é a correlação da atividade humana com a natureza, mas essa atividade não é individual, mas coletiva, e, como tal, é inacessível à consciência do individualista. Portanto, a "experiência pura" sem qualquer "adição" é tão impossível como a resistência sem a força com a qual está correlacionada. Este tipo de fetiche foi, como sabemos, criado originalmente sob o nome 'matéria' que existia 'em si mesmo' ou 'absolutamente'. (p. 158-159)

Assim, o autor opõe à ideia de matéria estática uma teoria da ‘experiência viva’, outro nome para o seu empiriomonismo, revelada em seu *Philosophy of Living Experience*. Este recurso à validação das premissas empiriocriticistas não é, contudo, uma postura para tomar para si o seu legado de forma intocada. Como já afirmado, é com o advento do materialismo histórico que coloca em primeiro lugar a experiência (ativa) dos sujeitos sociais.

O afã por invalidar o seu adversário fez Lênin retroceder na perspectiva original emplacada na crítica da economia política que reconhecia a práxis, e não as “coisas”, como elementos concretos e definidores das relações sociais. Rovelli utiliza um capítulo inteiro de seu livro para sair em defesa da originalidade no pensamento de Bogdánov contra o dogmatismo de seus críticos que tudo o que viam na ciência era a sua expressão “burguesa”. Ao remeter a uma matéria, a um materialismo, sólido, irretocável, foi na contramão dos desafios da dialética ao não entender que o conhecimento é, mais do que nunca, processo.

Lênin, que ofuscou sua visão sobre o conteúdo das “sensações”, viu-se enfurnado em uma posição passiva sobre a matéria:

Em seu livro, Lênin define “materialismo” como a convicção de que existe um mundo fora da mente. Se a definição de materialismo é essa, Mach certamente é materialista, somos todos materialistas, até o papa é materialista. Mas, para Lênin, a única versão do materialismo é a ideia de que “não existe nada mais no mundo além da matéria em movimento no espaço e no tempo” e que podemos chegar a “verdades certas” ao conhecer a matéria (Rovelli, 2021, p. 117).

Compreender o problema do materialismo de Lênin é interessante para entender a função das substâncias existentes, e a priori da matéria, e a invalidação das sensações que elas provocam nos sujeitos sociais.

Como o sujeito não é uma unidade inalterável, segundo Bogdanov, Mach e Rovelli, e os sujeitos formam coletivamente e não singularmente a concepção sobre as coisas, é possível deduzir que o que importa na análise concreta da realidade social é aquela que passa pelo horizonte consciente dos trabalhadores. Por isso, aqui, é importante compreender a falência do materialismo oitocentista e como na filosofia política a noção de que podemos chegar a verdades absolutas (portanto ahistóricas) engessa a filosofia – pior – engessa a leitura da realidade pelos movimentos sociais. A consciência vinda de fora é a noção que há sujeitos autorizados a definir o que é verdade *para* os trabalhadores, e não *com* os trabalhadores, portanto, não passa de um paternalismo (FERNANDES, 2022) com a melhor das intenções. As sensações produzidas pela experiência concreta perdem lugar para a doutrina intelectual do marxismo ortodoxo.

Da teoria do conhecimento à filosofia política

Finalizamos a seção anterior com a convicção de que a realidade não é uma substância inalterada, e a tentativa por anular a experiência concretas dos sujeitos sociais passa por uma reificação tal como a crítica da economia política enxergou no processo de produção do capital. Longe de se tratar aquela polêmica iniciada no século passado como uma questão escolástica, relembrar os termos daquele duelo de xadrez nos permite vislumbrar o que ficou em suspenso e como pensar o grande debate do século 20 – a Revolução Russa, a luz do que a história nos permite enxergar.

O debate filosófico entre os dois então bolcheviques tem início em 1908, mas antes disso o atrito entre os dois políticos já estava consolidado. Como dito, o *Materialismo e*

empiriocriticismo é lançado estrategicamente após a tentativa de revolução em 1905. Quando o intento fracassa, a fração de Bogdanov defende a reorganização dos sovietes e atividade insurgente contínua. Enquanto isso, Lênin publicará muitos panfletos defendendo o foco na disputa das Dumas e recomposição das vanguardas marxistas.

As dumas foram impulsionadas como uma resposta à insurreição russa que ameaçava as classes dominantes e não tinham o mesmo peso que tinham os sovietes, antes e depois do golpe de outubro. As esquerdas hoje que buscam legitimar o apelo eleitoral em detrimento dos movimentos sociais por vezes buscam transplantar panfletos de um século atrás para definir seus interesses políticos hoje, com as palavras de ordem de Lênin daquela época não seria diferente. Que estes textos de Lênin sejam lidos menos como documentos históricos e mais como guia para ação reflete o anacronismo de um marxismo engessado.

Enfim, essa outra desavença entre os políticos Lênin e Bogdánov levarão à expulsão do último do POSDR e do Iskra, do qual foi um contribuinte, além de estudiosos afirmarem que Bogdanov era ainda mais traduzido para fora do que o próprio Lênin⁹². Quando houve a primeira guerra mundial e em seguida o golpe de outubro Bogdanov estava cuidando dos feridos no front como médico e os bolcheviques sabidamente trataram de fechar o cerco sobre os sovietes e o parlamento (no qual os mencheviques e os socialistas-revolucionários também disputavam) assegurando sua posição de comando. Com o fim do período conhecido como Comunismo de Guerra (1918-1921), Lênin faz um discurso entusiasmado em defesa da Nova Política Econômica (NEP) que consistia em abrir a União Soviética para o capital privado garantindo tanto quanto fosse possível a intervenção estatal neste definindo os rumos da economia. De oposição à governo, os bolcheviques conheceram e admiraram a burocracia. Isso mesmo antes da ascensão de Stálin. Neste período, no qual Bogdánov não se restringe ao estudo teórico, o antigo bolchevique dedicou seu tempo ao estudo da medicina e das ciências em geral. Foi o diretor do primeiro instituto de transfusão de sangue da União Soviética, algo que não dissociava de sua orientação política. Para ele, partilhar os órgãos, uma realidade que já dava resultado, apesar de sua adesão bem recente pela medicina, simbolizava o que era mais belo na fraternidade entre trabalhadores. Ele mesmo terá seu destino decidido por um episódio fracassado de transfusão de sangue no qual tentou salvar a vida de um paciente com malária, mas acabou se infectando no processo.

⁹² Acerca do legado de Bogdanov e do Proletkult ver especialmente: PINTO, Tales dos Santos. “Alexander Bogdanov e a organização política do Proletkult (1917-1923)”. In: PINTO, João Alberto da Costa (Org). *Intelectuais dissidentes na revolução russa (1917-1938)*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018.

Antes de sua triste partida, Bogdanov influenciou também as artes e a pedagogia, época em que a revolução russa consagrou figuras como Krupskaya, Lunacharsky, entre outros. Junto de Lunacharsky, Malinovsky ajuda a fundar o grupo “Proletkult” (abreviação de “Cultura Proletária”). A iniciativa, apesar de independente do Estado, contou com centenas de células por toda a Rússia com a premissa de que “uma cultura socialista só seria possível mediante uma sociedade organizada em moldes socialistas”. Trazer à tona uma arte que, partindo dos próprios trabalhadores, anunciasse a sociedade futura era importante para repensar o processo de desenvolvimento do socialismo na Rússia. Não bastava que os dirigentes fossem socialistas, mas que as relações sociais de produção encaminhassem uma cultura proletária autêntica. Imbuído dessas ideias, Bogdanov escreve em 1923 o panfleto “*Poesia Proletária*” nos anos finais do Proletkult (tornado órgão oficial do governo pelo Narkompros) remetendo à tese central da consciência autônoma dos trabalhadores russos:

O proletariado deve estar munido de sua própria poesia. Para que não se submeta à poética secular estranha à sua consciência o proletário deve adquirir sua própria consciência poética, imutável por sua clareza. Esta consciência deve abarcar e desvendar todo o campo da vida, todo o mundo, em sua unidade criativa. (2022. p. 12)

Dizê-lo poderia ser repetitivo, mas é importante frisar que tais palavras de ordem contrastavam com a ideia de que só o desenvolvimento capitalista na Rússia, promovido pelos bolcheviques com a NEP, tornariam as condições possíveis para a passagem do capitalismo de estado para o enfim socialismo. A ideia crucial da NEP era a de que era possível domesticar o capitalismo para que servisse aos interesses genuínos da classe trabalhadora russa. Será a vez de o Proletkult entrar na mira de Lênin, a ponto de que Bukharin e Lunacharsky sofressem provações para deslegitimar esta premissa, que antes era filosófica, prática, agora era artística. Entre o período do comunismo de guerra e a institucionalização definitiva do Proletkult, anunciada pelo Narkompros, Krupskaya, a esposa de Lênin, distingue a “cultura proletária da “ideologia proletária” (2018) fomentando a tese de que não bastava que a arte fosse proletária, mas que seus dirigentes fossem socialistas, e indiretamente, que impusessem o que é arte socialista para os trabalhadores. Há um lapso entre os estudiosos do Proletkult sobre o período definitivo de sua institucionalização, o mais provável é que “foi acontecendo” até que se tornasse consolidado o seu vínculo ao Narkompros. Lunacharsky, simpático tanto ao governo quanto ao Proletkult, desenvolverá um comportamento político ambíguo, o que levou ao sermão tanto de Bogdanov quanto de Lênin. No mês seguinte da tomada do poder pelos bolcheviques, Bogdanov já alertara seu amigo de que a revolução socialista havia se convertido em um

“comunismo de guerra” (BOGDÁNOV, 2017), e que a participação dele no novo governo era vergonhosa.

De qualquer forma, a carta referida não resultou na ruptura definitiva entre os dois. Urge lembrar que Lunacharsky perserverá na relutância em institucionalizar o Proletkult, o que acaba acontecendo depois da pressão de Lênin e da enfim votação que decidia pela incorporação no Narkompros. O Proletkult existe por só mais dois anos, e um dos últimos escritos de Bogdánov em vida é sobre arte e a urgência de desenvolver uma cultura proletária autônoma.

Alexandr Bogdánov morrerá duas vezes. Seu organismo sucumbirá à malária em uma experiência mal-sucedida de transfusão de sangue entre ele e o enfermo. Depois matarão-lhe a memória múltiplas vezes, transformando-o em “idealista”, “reacionário”, “liquidacionista”, tudo o que combateu em vida⁹³. Se a repressão nos primeiros anos já era algo lamentável, a censura stalinista a tudo aquilo que fosse dissidente seria a principal responsável pelos seus escritos caírem em esquecimento. O incansável sonhador será enfim traduzido para o inglês na década de 80. O romance *Red Star* quase 40 anos depois será traduzido para o português pela Boitempo⁹⁴. Suas concepções filosóficas e políticas, porém, serão traduzidas para o inglês há poucos anos, sem mencionar que a sua esperada resposta ao materialismo e empiriocriticismo de Lênin estivesse em suspenso pelas editoras.

O debate sobre a autonomia, sobre a consciência de classe, sobre a potência criativa dos sujeitos em almejar um mundo novo sempre existiu. Mas no contexto das revoluções mais recentes, a polêmica sobre o conteúdo da revolução se agrava naquele duelo de xadrez⁹⁵, em uma tarde de Capri, sem ter muito o que esperar, tampouco o que perder.

⁹³ Ver, por exemplo, aqui: ROWLEY, David G. Alexander Bogdanov's holistic world picture: a materialist mirror image of idealism. *Studies in East European Thought*, v. 73, n. 1, p. 1-18, 2021.

⁹⁴ BOGDANOV, Alexander. *Uma estrela vermelha*. São Paulo: Cartola Editora, 2021.

⁹⁵ A admiração pelo trabalho e influência de Bogdánov se inicia no ano de 2020, quando a Boitempo anunciou que traduziria o romance de Malinovsky para o português. O estudo sobre a controvérsia entre Lênin e Bogdánov só ganha corpo em 2022 e viabiliza a publicação de dois artigos de minha autoria, além de constituir um dos capítulos de minha monografia. A provocação que me instigou a escrever sobre este duelo de xadrez e suas repercussões tem origem num comentário de João Bernardo a um texto no blog Passa Palavra (<https://passapalavra.info/2020/12/135606/#comment-706974>). Além disso, procurei o autor do comentário diversas vezes e sem estas conversas, o trabalho não chegaria até aqui. Portanto, não poderia poupar agradecimentos a ele.

Referências

BOGDÁNOV, Aleksandr. **Carta de Bogdánov a Lunatchárski**. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Ed.). *Escritos de outubro*. Boitempo Editorial, 2017.

BOGDANOV, Alexander Aleksandrovich. **The philosophy of living experience: popular outlines**. Boston: Brill, 2016.

BOGDANOV, Alexander Aleksandrovich. **Toward a New World: Articles and Essays, 1901-1906: On the Psychology of Society; New World, and Contributions to Studies in the Realist Worldview**. Brill, 2022.

BOGDANOV, Alexander. *Poesia Proletária*. **Passa Palavra**. Set. 2022. Disponível em: <https://passapalavra.info/2022/09/145706/> > (Acesso Mar. 2023)

CASSAUWERS, Tom. What our science fiction says about us. **BBC**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20181203-what-our-science-fiction-says-about-us>> Acesso em 23 Fev. 2023.

FERNANDES, Alan. DO PATERNALISMO À AUTONOMIA. **READ–Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais**, v. 2, n. 3.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense. Coleção Primeiros Passos 1985.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LÊNIN, Vladimir. I. **Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. São Paulo: Expressão Popular. 2015.

LÊNIN, Vladimir. I. **Materialismo e empiriocriticismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudos sobre dialética marxista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

MACH, Ernst. **Introductory Remarks: anti metaphysical**. In: MACH, Ernst. *The analysis of sensations*. Trans. CM Williams. Revised. Sydney Waterlow, New York: Dover, 1959.

MARX, Karl Heinrich. **Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro. 1841**. Lisboa: Presença, 1972.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Marxists' Internet Archive. 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm> (Acesso em Mar. 2023)

ROVELLI, Carlo. **O abismo vertiginoso: um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

ROWLEY, David G. Alexander Bogdanov's holistic world picture: a materialist mirror image of idealism. **Studies in East European Thought**, v. 73, n. 1, p. 1-18, 2021.